

# Reflexões sobre o papel da imagem na construção do real

Edílson Cazeloto

ARAUJO, Denize Correa (Org.). *Imagem (ir)realidade: comunicação e cibernídia*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

**Resumo:** A coletânea reúne 17 artigos que giram em torno da relação entre imagem e realidade no contexto das tecnologias digitais de comunicação e da cibernídia. A apresentação, escrita pela organizadora, propõe alguns roteiros de leitura e fornece um pequeno resumo de cada um dos trabalhos incluídos.

**Palavras-chave:** imagem; realidade; comunicação

**Abstract:** *Reflections on the role of images in the construction of the real* — This collection comprises 17 articles on the relation between images and reality within the context of digital communication technologies and the cybermedia. The introduction, written by the organizer, proposes a syllabus and provides a brief summary of the articles in the collection.

**Keywords:** image; reality; communication

A natureza da imagem sempre foi tema da filosofia e motivo de desconfiança para as ciências humanas. Para estas, as imagens eram suspeitas de uma certa astúcia originária: tomavam o lugar de uma Essência ou Verdade ao se apresentarem à visão *como se fossem aquilo que representam*. Desde Platão e o mito da caverna, o Ocidente desconfia que “a verdade está lá fora” e essas sombras que povoam o mundo certamente são obra de um “gênio maligno”, cujo único objetivo é desviar nossa atenção do real. A realidade é aquele além da imagem e da aparência, que só pode ser atingida pelo pensamento.

Assim, o chamado “pensamento científico” vai se construir a partir de uma desconfiança da imagem, à qual, no entanto, estaríamos irremediavelmente ligados pela nossa condição humana. Francis Bacon (1979, p. 25) funda a ciência moderna remetendo os sentidos à “origem dos erros” e colocando-os entre os “ídolos da tribo”: é parte da nossa natureza esse crer infundado e leviano porque “[...] as coisas que afetam os sentidos preponderam sobre as que, mesmo não os afetando de imediato, são mais importantes”.

A tradição marxista vai permanecer nessa trilha, percebendo na imagem uma função ideológica: a de ocultar a “verdade” que brilha apenas nas condições de produção e na luta de classes. A imagem é esse artifício invocado nas engrenagens da superestrutura para divorciar o homem de seu destino histórico e manter a dominação burguesa.

O livro organizado por Denize Correa Araujo mostra como a relação entre imagem e realidade, embora tenha modificado seus parâmetros nas últimas décadas, ainda dá margem a ambigüidades e mal-entendidos. Trata-se de uma questão ainda polêmica para a ciência, e as “novas imagens”, produzidas e disseminadas eletronicamente, não fazem senão acrescentar mais um platô de complexidade à discussão.

De maneira geral, os textos apresentados negam a idéia de *oposição* entre imagem e realidade. Neles, o que emerge é um real *construído* por imagens e que só pode ser compreendido (e, portanto, só faz sentido) pela *mediação* das imagens.

## Percursos

A organizadora dispõe os textos em ordem alfabética, considerando o prenome dos autores, mas não se furta à tarefa de apontar relações e proximidades entre os textos. Na introdução que assina, Denize agrupa alguns dos textos em blocos temáticos, propondo, assim, uma certa ordem de leitura que não é a ordem seqüencial dos capítulos. Essa estratégia, que lembra *O jogo da amarelinha* (CORTÁZAR, 1987) é por demais tentadora para ser ignorada. Seguirei, então, um desses “percursos” propostos para ilustrar como o tema de um real construído pela imagem permeia a obra. No caso que considero, os textos foram reunidos em torno de uma proposta de interpretar as alterações na noção de espaço provocadas pela circulação eletrônica de mensagens e imagens.

Esse caminho, indicado pela organizadora, começa com o artigo “Do ciber ao híbrido: tecnologias móveis como interfaces de espaços híbridos”, de Adriana Souza e Silva. Sua preocupação central é a emergência de uma “nova lógica espacial”, resultante da difusão de tecnologias móveis de comunicação capazes,

segundo a autora, de levar a uma redefinição da noção de espaço. Fábio Duarte e Polise de Marchi, em “Imagens da cidade tecnológica: linguagem (ir)realidade”, levam à percepção dessas alterações no campo da arquitetura urbana:

Mais do que a extensão do tempo permitida pelo desenvolvimento da eletricidade, que estendia a visualidade dos componentes urbanos, o desenvolvimento da tecnologia da informação expandiu e alterou a noção de espaço, como criou tempos simultâneos em espaços distintos. Novamente, a arquitetura como linguagem visual da cidade se deparou frente a um novo estágio enquanto signo de seu tempo (p. 148).

É também a questão do espaço e das tecnologias de comunicação que traz a esse plano de leitura o texto da Giselle Beiguelman, intitulado “Entre hiatos e intervalos (a estética da transmissão no âmbito da cultura da mobilidade)”. Esse trabalho reflete sobre as condições culturais e materiais da criação artística em um ambiente metropolitano marcado pela “cultura da mobilidade”. A própria letra do texto da autora parece, por vezes, tatear em busca do melhor modo de expressar esse ritmo e, se, no século passado, talvez falássemos de “linguagem telegráfica”, Giselle Beiguelman parece flertar com uma “linguagem SMS”:

Envio e recebimento. Sem parar. Em situações entrópicas e de trânsito. A contemplação se desfaz. A situação ideal também. Nada de salas escuras, telões e silêncio. Nada de paredes brancas, hiatos espaçotemporais. Sem cinema e sem museu. O contexto de fruição visual são as próprias condições de legibilidade impostas pelo torvelinho metropolitano (p. 155).

Finalizando esse percurso, o texto de André Lemos (“Ciber-cultura-remix”) trata das novas práticas culturais que se desenrolam nesse “novo espaço” das redes tecno-sociais. Para o autor, essas novas práticas são marcadas pela lógica do “remix”:

Por remix compreendemos as possibilidades de apropriação, desvios e criação livre [...] a partir de outros formatos, modalidades ou tecnologias, potencializados pelas características das ferramentas digitais e pela dinâmica da sociedade contemporânea (p. 54).

## Segundo percurso

Como *O jogo da amarelinha* (CORTÁZAR, 1987) é sempre aberto a novas combinações, creio ser possível propor um percurso não previsto pela organizadora. Trata-se, mais propriamente, de uma combinação de textos nos

quais a questão da realidade e sua relação tensa com a imagem sejam mais evidentes. Aqui, a coletânea revela-se mais profundamente “filosófica”, no sentido de fornecer um painel de discussões sobre o estatuto da realidade e a forma como o mundo se dá à percepção.

O percurso começa com o texto de Diana Domingues (“Realidade virtual: uma realidade na realidade”), no qual a autora instala sua hipótese logo no primeiro parágrafo:

Numa perspectiva da comunicação interativa e da ciência da interface, a realidade virtual, ao propiciar experiências conectadas a mundos virtuais habitáveis que permitem a presença efetiva do homem no interior de imagens, em comportamentos que replicam e transgridem as ações do homem no mundo real, é uma realidade dentro da realidade (p. 79).

Oferecendo uma espécie de contraponto, Erick Felinto assina um dos artigos mais interessantes dessa coletânea (“O espectro na sala de estar: as imagens e o imaginário tecnológico da fantasmagoria”), no qual as tecnologias da imagem são historicamente enlaçadas, não à produção de “realidades”, mas ao surgimento de fantasmas e a um imaginário do sobrenatural. Felinto acaba por apontar para a possibilidade de que a tecnologia da imagem participe não apenas da construção de uma “realidade” mas desta região que o próprio “real” exilou com o rótulo de “fantasmagórica”. Se a tecnologia da imagem é capaz de criar fantasmas, como distinguir, então, o grau de “realidade” de seus produtos?

Radicalizando a idéia de construção imaginária do real, a pena afiada de Juremir Machado da Silva dirige-se em tom de ensaio contra a própria noção de “realidade”, quando entendida como antagônica à imagem:

Falar da realidade é falar do sentido. Este, contudo, só se expressa como imagem. Só roçamos o real por meio de metáforas. O próprio real é uma imagem do sentido (p. 166).

Maria Cristina Franco Ferraz (“Percepção e imagem na virada do século XIX ao XX”) vai a Bergson também com a intenção de dissolver a aparente dicotomia entre as interpretações da imagem como construção ou falseamento do real, demonstrando como o conceito de imagem “se constrói a contrapelo da tradição filosófica ocidental, na qual, a partir de Platão, a imagem foi remetida ao não-ser, ao simulacro, à instância mais afastada, sem retorno possível, do ‘real’” (p. 244).

Também segue por essa linha o texto de Philippe Joron (“Alteridade simbólica e construção imaginal da realidade”), que reafirma o papel central da imagem como ponto intermediário entre o mundo objetivo e a subjetividade:

Por suas características simbólicas, a linguagem imaginal pode então ser considerada com um mediador entre as consciências individuais, É por este sistema de convenção que o indivíduo constitui sua realidade, que se torna então acessível a outros indivíduos (p. 299).

*Imagem (ir)realidade* é, portanto, uma pertinente contribuição para quem deseja compreender essa relação tensa, jamais resolvida, que se complexifica com o advento das ferramentas informacionais.

## Referências

- BACON, Francis (1979). *Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os pensadores).
- CORTÁZAR, J. (1987). *O jogo da amarelinha*. RCB.

EDÍLSON CAZELOTO é doutorando em Comunicação na PUC-SP e membro fundador do Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Comunicação e Cibercultura, da mesma instituição (CENCIB).  
edcazeloto@yahoo.com.br